

**ASPECTOS ETNOBOTÂNICOS E BIOGEOGRAFIA DE ESPÉCIES  
MEDICINAIS E/OU RITUAIS COMERCIALIZADAS NO MERCADO DE  
MADUREIRA, RJ.**

**Aluno: Felipe Bagatoli Silveira Arjona**

**Orientadores: Rita de Cássia Martins Montezuma & Inês Machline Silva**

**Introdução**

O estudo do uso e conhecimento de plantas por grupos humanos tem sido objeto de pesquisa de grande relevância e vem sendo incorporado na disciplina chamada Etnobotânica. Segundo Morgan (1995), a etnobotânica emergiu da Geografia, tendo Alphonse de Candolle expandido a fitogeografia humboldtiana e enfatizado, em seus trabalhos, as origens geográficas e a dispersão de plantas cultivadas. Estes se tornaram importantes referências para os estudos etnobotânicos. Numa perspectiva histórica e fitogeográfica, a etnobotânica torna possível o reconhecimento da distribuição, origem e diversidade de plantas cultivadas no tempo e no espaço (Albuquerque, 1997). Com isso, o diálogo entre estas disciplinas torna-se favorável para reflexões sobre incorporação de plantas nativas e exóticas nas práticas culturais. Neste sentido, as feiras livres e os mercados constituem um espaço privilegiado de expressão da cultura de um povo no que toca ao seu patrimônio etnobotânico, uma vez que um grande número de informações encontra-se lá disponível de forma centralizada, subjacente a um ambiente de trocas culturais intensas.

No Município do Rio de Janeiro o “comércio popular” instalou-se nos bairros localizados na periferia, desta forma é nestes locais que se encontram, com mais frequência, a comercialização de plantas voltadas para a fitoterapia e práticas religiosas. Dentre estes o bairro de Madureira é considerado um dos mais importantes centros de comércio da zona norte.

Para compreender o processo de formação de Madureira é preciso fazer um resgate de como se deu a ocupação dos espaços suburbanos da cidade do Rio de Janeiro. Fridman (1999) aponta que a promulgação da Lei de Terras em 1850 consolidou legalmente a propriedade privada da terra, o que implicou modificações no uso e no desenho do espaço urbano. Este autor ainda afirma que a transformação da terra em mercadoria contribuiu para organização dos loteamentos. Em paralelo, em 1858 foi inaugurado o primeiro trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II (atual E. F. Central do Brasil) ligando a estação central a Queimados (distrito do atual município de Nova Iguaçu), cortando todo o subúrbio da cidade, inclusive o bairro de Madureira (Barat, 1975; Abreu, 1997). Com isto a ferrovia incentivou todo

processo de ocupação do subúrbio e, conseqüentemente, a formação dos bairros próximos às estações, o que, diferentemente dos bondes, favoreceu a transformação de freguesias que até então se mantinham exclusivamente rurais (Abreu, 1997).

Atualmente, o bairro encontra-se praticamente urbanizado, excetuando algumas áreas, dentre estas aquelas situadas abaixo da linha de transmissão da Companhia de Luz – Light, paralelas à linha do trem, que hoje se destinam ao cultivo das espécies para o abastecimento local. A presença dessas hortas em área urbanizada configura-se como um resquício do período rural de Madureira.

O presente trabalho analisa a comercialização de plantas medicinais e rituais em um pavilhão exclusivo para a venda destes produtos no mercado de Madureira. A pesquisa em pauta tem como objetivo: localizar as prováveis origens geográficas das espécies mais comercializadas; avaliar, quando possível, as razões de introdução das espécies exóticas no Brasil buscando identificar as formas de incorporação na cultura local e, por fim, analisar como a urbanização do bairro de Madureira contribuiu para formação atual do comércio de espécies de uso etnobotânico.

### **Área de estudo**

O mercado de Madureira está localizado no bairro de Madureira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (figura 1). Possui uma área total de 378,76 ha, com uma população de 49.546 habitantes, segundo censo de 2000 (IPP, 2006). Falcão (2002) afirma que o bairro é conhecido na cidade pelo seu farto comércio com inúmeras lojas, shoppings, grande rede bancária, bares, restaurantes, boates, cinemas, Igrejas católicas, protestantes, centro espíritas, além de centenas de vendedores ambulantes. Parte significativa do comércio do bairro, o mercado de Madureira foi criado do começo do século XX, tornando-se, na década de trinta, o maior centro de distribuição de alimentos da zona suburbana. Em decorrência de sua amplitude foi transferido posteriormente para o local que hoje se encontra, sendo conhecido pela população como “Mercadão” de Madureira.

Atualmente apresenta um total de 700 boxes para venda de muitos produtos variando de alimentação, utensílios domésticos, papelarias, drogarias, e principalmente de comércio de artigos religiosos, incluindo-se aí, a venda de animais para sacrifícios. No local reservado aos hortifrutigranjeiros estão os boxes de plantas comercializadas para fins medicinais e de uso religioso, num total de 29 que, muitas vezes, vendem também temperos, legumes e verduras.

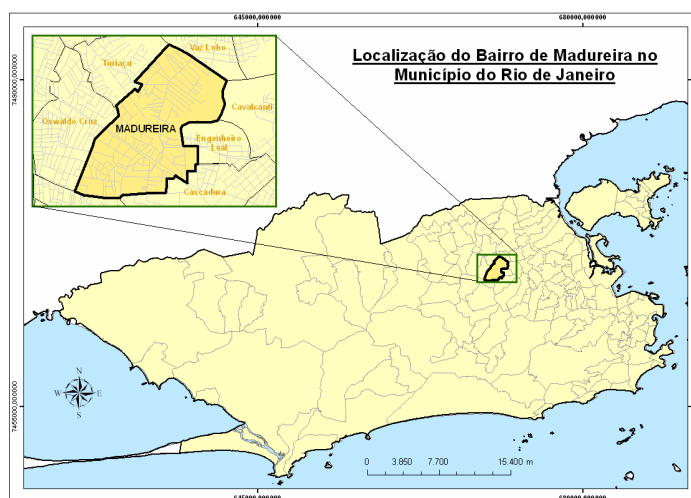


Figura 1: Mapa de localização do bairro de Madureira/Rio de Janeiro/RJ.

## Material e Método

O mercado de Madureira foi escolhido por ser um dos principais locais na distribuição de produtos para outros mercados e feiras do município do Rio de Janeiro e municípios adjacentes. Foram aplicadas 48 entrevistas semi-estruturadas a 15 erveiros<sup>1</sup> (correspondendo a 52% do total), para obtenção de informações referentes às espécies medicinais e/ou rituais comercializadas. Os erveiros foram estimulados a nomearem pelo menos dez espécies consideradas por eles como as mais comercializadas e estas foram ordenadas de acordo com o número de citações. Para cada espécie obtiveram-se dados referentes aos nomes populares, usos e procedência (cultivo, extrativismo ou revenda).

O material botânico foi adquirido através da compra e vem sendo processado para inclusão nos herbários do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte integrante da tese de Doutorado de um dos autores. As espécies foram identificadas utilizando-se a literatura botânica e por comparação em herbário e, quando possível, com o auxílio de especialistas de determinados grupos taxonômicos. As regiões de origens das espécies comercializadas foram provenientes de referências especializadas e divididas em “América” (do norte ao sul do continente americano, bem como as Antilhas), “Europa”, “Ásia”, “África” e “Oceania”, incluindo-se em “indefinidas” aquelas que ainda não tiveram sua origem esclarecida e/ou que apresentem informações conflitantes. Quando as espécies foram consideradas originárias de duas regiões distintas, cada região foi pontuada como 0,5 para efeito de contagem, de acordo com a metodologia utilizada por

---

<sup>2</sup>Foram considerados “erveiros” as pessoas que comercializam as ervas dentro do Mercado de Madureira, excluindo-se os fornecedores.

Bennet & Prance (2000). Os aspectos físicos do bairro de Madureira e da cidade do Rio de Janeiro foram obtidos do Instituto Pereira Passos (IPP).

## Resultados e Discussão

Até o momento foram levantadas 253 espécies comercializadas no Mercado de Madureira, das quais 97 foram referidas pelos erveiros como as de maior procura. Estas se encontram organizadas na tabela 1, ordenadas por suas respectivas famílias botânicas, num total de 48, com dominância de Lamiaceae (12 espécies) e Asteraceae (11 espécies), seguidas por Bignoniaceae e Fabaceae (5 espécies) e Piperaceae (4 espécies). Resultados semelhantes foram encontrados por inúmeros autores, como Bennet & Prance (2000), Di Stasi *et al.* (2002), Almeida & Albuquerque (2002), entre outros. Lamiaceae e Asteraceae têm um número grande de espécies e são encontradas tanto em regiões temperadas, como nas tropicais, além disso, são ricas em óleos voláteis e muito utilizadas na medicina popular, ao redor do mundo (Menezes & Kaplan 1992; Simões & Spitzer 2004).

Tabela 1- Lista de espécies comercializadas no Mercado de Madureira, Rio de Janeiro/RJ, ordenadas por ordem alfabética de famílias botânicas, seguidas pelos respectivos nomes populares, categorias de uso, procedência e origem (Cat-categorias de uso: Med-medicinal, Rit-ritualística; Proc-procedência: Cul-cultivada, Ext -extrativismo).

Família / Espécies	Nome popular	Cat.	Proc.	Origem
<b>ALISMATACEAE</b>				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schlttdl.) Micheli	chapéu-de-couro	med	cul	América
<b>AMARANTHACEAE</b>				
<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo	rit	cul	América
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	santa-maria	med	cul	América Tropical
<b>ANACARDIACEAE</b>				
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	rit	cul	Ásia
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	med / rit	ext	América do Sul
<b>APIACEAE</b>				
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	med	cul	Europa
<b>APOCYNACEAE</b>				
<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	pau-pereira	med	ext	América
<b>ARALIACEAE</b>				
<i>Polyscias cf. baulforiana</i> (hort. ex André) L.H. Bailey	conchinha-de-oxum	rit	cul	Oceania
<b>ARISTOLOCHIACEAE</b>				
<i>Aristolochia sp.</i>	cipó mil-homen	rit	ext	América

Família / Espécies	Nome popular	Cat.	Proc.	Origem
<b>ASPLENIACEAE</b>				
<i>Asplenium serratum</i> L.	pena-de-xangô	rit	ext	Conferir
<b>ASTERACEAE</b>				
<i>Acmella uliginosa</i> L.	oriri-pepê	rit	cul	América
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	alecrim-do-campo	rit	ext	América
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	med	cul	Brasil
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	med	cul	Cosmopolita tropical
<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	balainho-de-velho; balauê	rit	cul	Brasil
<i>Chromolaena odorata</i> (L.) R.M. King & H. Rob.	arnica-do-mato	med	cul/ext	América Tropical
<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex Sweet	camomila	med	cul	Conferir
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	guaco	med	cul	Neotropical
<i>Smallanthus sonchifolius</i> (Poepp.) H. Rob.	batata-yacon	med	revenda	América
<i>Vernonia paludosa</i> Gardner	assa-peixe	med	ext	Conferir
<i>Vernonia sp.</i>	assa-peixe	med	cul	Conferir
<b>BIGNONIACEAE</b>				
<i>Tabebuia sp.</i>	ipê-roxo	med	ext	América
<i>Jacaranda cf. puberula</i> Cham.	carobinha	med	ext	América do Sul
<i>Jacaranda sp.</i>	carobinha	med	ext	América Tropical
<i>Newbouldia laevis</i> (P. Beauv.) Seem. ex Bureau	akokô; erva da felicidade	rit	cul	África
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	cinco-chagas	med	ext	América do Sul
<b>BORAGINACEAE</b>				
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	med	cul	Eurásia
<b>BRASSICACEAE</b>				
<i>Lepidium pseudodidymum</i> Thell. ex Druce	mastruz	med	cul	conferir
<b>CACTACEAE</b>				
<i>Epiphyllum phyllanthus</i> (L.) Haw.	dama-da-noite	rit	ext	Neotropical.
<b>CHRYSOBALANACEAE</b>				
<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	abajurú	med	ext	Pantropical
<b>COSTACEAE</b>				
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	cana-do-brejo	med	cul	América
<b>CRASSULACEAE</b>				
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	saião	med	cul	Brasil
<b>DILLENIACEAE</b>				
<i>Davilla rugosa</i> Poir.	cipó-caboclo	med/rit	ext	Neotropical
<b>EQUISETACEAE</b>				
<i>Equisetum hiemale</i> L.	cavalinha	med	cul	Conferir
<b>EUPHORBIACEAE</b>				
<i>Acalypha communis</i> Müll. Arg.	parietária	med	cul	América
<i>Chamaesyce prostrata</i> (Aiton) Small	quebra-pedra	med	cul	América

<b>Família / Espécies</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Cat.</b>	<b>Proc.</b>	<b>Origem</b>
<b>FABACEAE</b>				
<i>Bauhinia cf. variegata</i> L.	pata-de-vaca	med	cul	Índia e China
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	amor-do-campo	med	ext	América Tropical
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	med	ext	Brasil
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	med	cul	América
Fabaceae sp.	sene	med	revenda	Conferir
<b>FLACOURTIACEAE</b>				
<i>Casearia commersoniana</i> Camb.	porangaba	med	ext	Brasil
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	gonçalinho	rit	ext	América
<b>HERRERIAACEAE</b>				
<i>Herreria glaziovii</i> Lecointe	salsaparrilha	med	ext	América
<b>LAMIACEAE</b>				
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	macassá	med/rit	cul	África
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	med	cul	Europa e Ásia
<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Briq.	elevante	med/rit	cul	Europa
<i>Ocimum basilicum</i> L.	manjeriço	med/rit	cul	África e Ásia
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	alfavaca	med	cul	México
<i>Ocimum cf. americanum</i> L.	manjeriço	rit	cul	América
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavacão	med	cul	Índia
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	anis	rit	cul	Conferir
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-pimenta; hortelã-doce	med	cul	Ásia
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	med/rit	cul	Europa
<i>Salvia officinalis</i> L.	salvia	rit	cul	Europa
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	sândalo	rit	cul	Conferir
<b>LECYTHIDACEAE</b>				
<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	sapucaia	med/rit	cul	Brasil
<b>LYTHRACEAE</b>				
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	sete-sangrias	med	cul/ext	América
<b>MALVACEAE</b>				
<i>Abutilon striatum</i> Dicks. ex Lindl.	brinco-de-princesa	rit	cul	Conferir
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	brinco-de-princesa	rit	cul	Ásia
<i>Malva</i> sp.	malva-cheirosa	med/rit	cul	Europa
<b>MELASTOMATAACEAE</b>				
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	canela-de-velho	rit	ext	América Tropical
<i>Miconia calvescens</i> Schrank & Mart. ex DC.	capa-de-xangô	rit	ext	Conferir
<b>MELIACEAE</b>				
<i>Melia azedarach</i> L.	para-raio	rit	cul	Ásia

Família / Espécies	Nome popular	Cat.	Proc.	Origem
<b>MENISPERMACEAE</b>				
<i>Chondodendron platyphyllum</i> (St.-Hil.) Miers	buta	med	ext	América
<b>MORACEAE</b>				
<i>Sorocea cf. guilleminiana</i> Gaudich.	espinheira-santa	med	ext	América
<b>MYRTACEAE</b>				
<i>Campomanesia guaviroba</i> (DC.) Kiaersk.	guariroba	med	cul	América
<i>Eugenia rotundifolia</i> Casar.	abajurú	med	ext	América
<i>Myrcia guianensis</i> (Aublet) DC.	pedra-ume-caá	med	ext	América do Sul
<b>NYCTAGINACEAE</b>				
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	erva-tostão; pega-pinto	med/rit	cul	América Tropical
<b>NYMPHAEACEAE</b>				
<i>Nymphaea cf. rubra</i> Roxb. ex Salisb.	ochibatá	rit	cul	Cosmopolita
<b>ORCHIDACEAE</b>				
<i>Oeceoclades maculatum</i> (Lindl.) Lindl.	cantaria	med	ext	África
<b>PHYTOLACCACEAE</b>				
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	pau-d'álho	rit	ext	América do Sul
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné pi-piu	med/rit	ext	América tropical
<b>PIPERACEAE</b>				
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Humb., Bonp. & Kunth	oriri	med/rit	cul	Conferir
<i>Piper anisum</i> (Spreng.) Angely	jaborandí	rit	ext	Conferir
<i>Piper arboreum</i> Aubl. var. <i>arboreum</i>	vence-demanda	rit	cul	Conferir
<i>Piper hoffmannseggianum</i> Roem. & Sch.	desata-nó	med/rit	cul	Conferir
<b>PLANTAGINACEAE</b>				
<i>Plantago major</i> L.	transagem	med	cul	Europa
<i>Scoparia dulcis</i> L.	vassourinha	med	cul	América Tropical
<b>POACEAE</b>				
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf.	saco-saco; capim-de-angola	med/rit	cul	África
<i>Imperata sp.</i>	raíz-de-sapê	med	cul	Conferir
<b>POLYGONACEAE</b>				
<i>Polygonum punctatum</i> Elliot	erva-de-bicho	med	cul	América
<b>RUBIACEAE</b>				
<i>Coffea arábica</i> L.	café	rit	cul	África
<i>Simira glaziovii</i> (K. Schum.) Steyerm.	quina-rosa	med	ext	América
<b>RUTACEAE</b>				
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	med/rit	cul	Sul da Europa
<i>Zanthoxylum caribaeum</i> Lam.	espinho-cheiroso; erva-de-oxóssi	rit	ext	América
<b>SCHIZAEACEAE</b>				
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	abre-caminho	rit	ext	Neotropical

Família / Espécies	Nome popular	Cat.	Proc.	Origem
<b>SIPARUNACEAE</b>				
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	negramina	rit	ext	Neotropical
<b>SOLANACEAE</b>				
<i>Brugmansia suaveolens</i> (H.&B. ex Willd.) Bercht. & Presl.	trombeta	rit	cul	América
<i>Datura cf. metel</i> L.	beladona	med	cul	Neotropical
<i>Solanum argenteum</i> Dun.	erva-prata; erva-de-iansã	rit	cul/ext	América do Sul
<b>VERBENACEAE</b>				
<i>Lippia alba</i> N.E. Br.ex P. Wilson	erva-cidreira	med	cul	Neotropical
<i>Starchytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	med	cul	Brasil
<b>VIOLACEAE</b>				
<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.)G. Don	suma-roxa	med	ext	Brasil
<b>VITACEAE</b>				
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C.E.Jarvis	insulina	med	cul	América do Sul
<b>ZINGIBERACEAE</b>				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith	colônia	med/rit	cul	Conferir

A categoria mais representativa em número de espécies foi a medicinal (com 52 espécies), seguida pelas ritualísticas (30 espécies) e de ambos os usos (15 espécies). Almeida (2003) observou na região metropolitana do Rio de Janeiro e de Salvador, um intenso consumo de espécies vegetais através dos terreiros de religião afro-brasileira. Nestes, os babalorixás e yalorixás (sacerdotes), portadores de conhecimento etnomédico respeitável, prescrevem o uso das folhas, raízes, sementes e cascas para fins medicinais, banhos e outros propósitos ritualísticos, sendo, portanto, uma evidência da dificuldade de dissociação entre as práticas ritualísticas e medicinais.

Em relação às prováveis origens das espécies, observou-se grande predominância das americanas, seguidas de um bloco composto por espécies da Europa, Ásia e África (tabela 2). Hidalgo (2002) encontrou resultado bastante semelhante para o estado do Amazonas, quando analisou a origem de 105 espécies medicinais, das quais 38,2% foram consideradas americanas (acrescidas de 10,9% da Amazônia). As hortas dos próprios erveiros são responsáveis por grande parte do abastecimento do mercado (59 espécies), entretanto, 33 espécies são provenientes de extrativismo.

A dificuldade de se determinar a origem de cada espécie é um dos maiores problemas para os estudos biogeográficos. Esta vem sendo parcialmente resolvida através de pesquisas baseadas em Biologia Molecular, acrescidas de informações provenientes de Morfologia, Taxonomia, Linguística, Antropologia e Arqueologia (Doebley 1990). Tais estudos ainda estão voltados para espécies cultivadas de maior importância comercial, principalmente as alimentares. Essa dificuldade também é refletida no número de espécies cuja origem não é claramente definida na literatura disponível.



Tabela 2 – Prováveis origens das espécies comercializadas no Mercado de Madureira/RJ.

<b>Origem</b>	<b>Nº de espécies</b>	<b>% de total</b>
América	55	56,7
Europa	8	8,2
Ásia	7,5	7,7
África	5,5	5,6
Oceania	1	1
indefinidas	20	20,6
total	97	100

Ao contrário do que se esperava, as espécies africanas não obtiveram maior significância, o que contradiz com a singularidade do mercado que apresenta, em suas práticas, um universo tipicamente afro-brasileiro. Parte desta explicação pode estar relacionada ao processo de aculturação, sugerindo que a adaptação para um novo lugar levou a uma mudança de significados e, com isso, espécies originárias de locais fora da África começaram a fazer parte do universo etnobotânico afro-brasileiro.

Segundo Rosendahl (2003), “a difusão da fé torna-se particularmente importante para a Geografia, ao se refletir sobre a ação missionária de expansão de idéias e condicionamentos simbólicos, algumas vezes resolvidos através de trocas dramáticas no processo de aculturação”. As manifestações culturais atuais são resultado de todo um processo de aculturação, que a origem geográfica das espécies é um caminho para identificar.

### **Considerações finais**

A necessidade de ampliar estudos biogeográficos sobre origem de espécies é importante para incentivar trabalhos que auxiliem na ampliação do conhecimento do patrimônio biológico do país. A biogeografia ligada a manifestações culturais é uma forma de apresentar a importância que as espécies vegetais têm em relação aos costumes de um povo, onde muitas vezes o uso pode ser um indicativo dos princípios ativos da planta, possibilitando descobertas de curas de doenças.

As feiras-livres e os mercados constituem um espaço privilegiado dessa expressão da cultura. A centralização de informações e de produtos de significado popular torna estes espaços favoráveis para trocas intra e interculturais, legitimando o Mercado de Madureira como um importante centro de dispersão destes conhecimentos na cidade do Rio de Janeiro.

Neste sentido, pode-se dizer que o Mercado de Madureira é fruto de uma relação dialética entre o uso das espécies botânicas e o lugar, onde este uso é um reflexo da dinâmica de transformações sociais, políticas e religiosas do local.

### Referências Bibliográficas

- ABREU, M. A. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1997. 147 p.
- ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmacologia** 78(3), p.60-64, 1997.
- ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. Salvador: 2ª Ed. EDUFBA, 2003. 214 p.
- ALMEIDA, C. DE F. C. B. R. DE & ALBUQUERQUE, U. P. Uso e Conservação de plantas medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v. 27, n. 6, p. 276-285, 2002.
- BARAT, J. **Estrutura metropolitana e sistema de transporte: estudo de caso do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1975. 292p.
- BENNETT, B. C. & PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopoeia of northern South America. **Economic Botany**, v.54, n.1, p.90-102, 2000.
- DI STASI, L. C., OLIVEIRA, G. P., CARVALHAES, M. A., QUEIROZ-JUNIOR, M., TIEN, O. S., HAKINAMI, S. H. & REIS, M. S. Medicinal Plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**, v.73, p.69-91, 2002.
- DOEBLY, J. Molecular Evidence and the Evolution of maize. **Economic Botany** v.44, n.3 (Supplement), p.6-29, 1990.
- FALCÃO, V. J. A.. **Ewé, Ewé osa. Um estudo sobre erveiros e erveiras do mercadão de Madureira - Uma experiência do sagrado**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2001.
- FRIDMAN, F. **Donos do Rio em nome do rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999. 302p.
- HIDALGO, A. F. Espécies de Uso Medicinal Popular Nativas e Introduzidas Cultivadas em Cinco Municípios do Estado do Amazonas. **Acta Horticulturae**, p.117-120, 2002.
- INSTITUTO PEREIRA PASSOS. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/ipp/>. visitado em 10/03/2006.
- MENEZES, F. DE S. & KAPLAN, M. A. C. Plantas da subfamília Ocimoideae utilizadas na medicina popular: Etnofarmacologia vs Química. **Rev. Bras. Farm.**, v.73, n.2, p.30-31, 1992.
- MORGAN, G. R. Geographic Dynamics and Ethnobotany. In: **Ethnobotany: Evolution of a Discipline**. 1995 Dioscorides Press. p.250-257.
- ROSENDAHL, Z. Espaço, cultura e Religião: Dimensões de análise. In: ROSENDAHL, Z (org) **Introdução à geografia cultural**, Rio de Janeiro: ed Bertrand Brasil, 2003.

*Departamento de Geografia*

SIMÕES, C. M. O. & SPITZER, V. Óleos Voláteis. In : Simões, M. O. et al. (Org.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Porto Alegre/Florianópolis: Ed. UFRGS/Ed. UFSC . 2004.